

**RESENHA:** BOFF, Leonardo. **A Grande Transformação:** na economia, na política e na ecologia. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira



BOFF, Leonardo. **A Grande Transformação:** na economia, na política e na ecologia. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade de São Paulo – São Paulo – Brasil  
gustavocepolini@usp.br

Na nonagésima oitava obra, o teólogo, filósofo, professor e cofundador da Teologia da Libertação, Ecoteologia da Libertação e da Carta da Terra, Leonardo Boff (1938 - ) apresenta algumas reflexões críticas da *Grande Transformação* em curso que consiste na passagem de uma economia de mercado para uma sociedade só de mercado. Para isso, o autor parafraseia o título da obra e parte das críticas do economista húngaro-norte-americano Karl Polanyi (1886-1964) que em 1944, antes do final da Segunda Guerra Mundial, já indicava a lógica perversa e contraditória da sociedade de mercado para uma sociedade só de mercado, em que a natureza e os trabalhadores foram transformados em mercadorias, e depois de usados e, por vezes abusados, são descartados.

A obra de Boff – “*A grande transformação: na economia, na política e na ecologia*” contém uma breve e pertinente introdução, denominada de “A era das ameaças e das promessas”, seguida de três partes: Economia, Política e Ecologia como já indica o próprio título da sua obra. Cada uma das partes possui respectivamente dez, onze e dez capítulos que permitem um aprofundamento teórico e empírico a partir de exemplos e alguns caminhos para superar as contradições do nosso tempo.

Na introdução o autor indica que a consolidação da Revolução Industrial a partir de 1934 na Inglaterra impulsionou e consolidou a grande transformação, ou seja, a

**RESENHA:** BOFF, Leonardo. **A Grande Transformação:** na economia, na política e na ecologia. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira passagem de uma economia de mercado para uma sociedade de mercado, ou como salienta Boff: “de uma sociedade com mercado para uma sociedade só de mercado” (p.09). Nesse contexto, afirma que os mercados são inerentes à história da humanidade. No entanto, nunca houve uma sociedade só de mercado como ocorrido no decorrer do século XX e, sobretudo, no início do XXI. Trata-se de um mercado regido pela competição em detrimento da cooperação; o que conta, portanto, é o benefício econômico individual ou corporativo em contraposição ao bem comum de toda uma sociedade.

Nesse sentido, observa-se a devastação da natureza e da gestação de perversas desigualdades sociais para garantir a existência dos que controlam o mercado e apregoam um Estado mínimo, ou seja, aquele que se limita às questões ligadas à infraestrutura da sociedade, ao fisco, mantendo o mais baixo possível, e à segurança, o restante pertence ao mercado. Dessa maneira, tudo pode ser levado ao mercado, garantido lucros e acumulações. Até as coisas mais sagradas para manutenção da vida, como água, sementes, solos, órgãos humanos, são objetos de compra e venda. “Tais realidades têm valor, mas não têm preço. Por isso, jamais deveriam entrar no círculo comercial do mercado” (p. 10).

A mercantilização da educação, saúde, esportes, artes, do entretenimento e até das religiões e igrejas estão postos na lógica de mercado. E os *shoppings* podem ser mencionados como um complexo templo. Dessa maneira, Boff salienta que: “Essa forma de organizar a sociedade ao redor dos interesses econômicos do mercado cindiu a humanidade de cima abaixo: um fosso enorme se criou entre os poucos ricos e os muitos pobres” (p.11). Criou-se, portanto, uma espantosa injustiça social com multidões descartáveis, consideradas zeros econômicos. Essa análise é reveladora ao comparar com os dados do Produto Interno Bruto Mundial (PIB), pois, há um nítido crescimento dos lucros de capitais especulativos em detrimentos de capitais produtivos que levam à sistemática precarização do trabalho e da expansão da pobreza.

Em relação à grande transformação na ecologia, Boff reforça que essa ciência surgiu em 1866, com Erns Heckel como subcapítulo da Biologia e atingiu uma dimensão política com o Relatório do Clube de Roma em 1972 sob o expressivo título:

**RESENHA:** BOFF, Leonardo. **A Grande Transformação:** na economia, na política e na ecologia. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira  
*Os limites do crescimento* ao despertar o olhar de alguns grupos para com o *nosso futuro comum*.

A partir desse cenário de crescimento e do desenvolvimento sustentável (impossível dentro da economia de mercado livre) e para todos os tipos de vida, Boff salienta a necessidade de um novo cuidado, ou seja, do princípio cuidado de sua autoria, do princípio responsabilidade de Hans Jonas, o princípio sustentabilidade – Relatório de Brundtland, o princípio interdependência-cooperação – Heisenberg, Wilson e Swimme, o princípio prevenção-precaução – Carta do Rio de Janeiro de 1992 da ONU, o princípio compaixão – Schopenhauer e Dalai-Lama e o princípio Terra – Lovelock e Evo Morales. Nesse complexo e necessário arranjo, evidencia-se que a ecologia é mais do que técnica de gerenciamento de bens e serviços escassos, está posta como uma arte, uma nova forma de relacionamento com a vida, a natureza e a Terra.

Nesse contexto, o autor reforça algumas travessias possíveis que culminaram na Carta da Terra, como fruto de uma ampla consulta de diferentes setores das sociedades mundiais, e, consolida-se com um horizonte para o “sonho da Terra”.

Na primeira parte sobre economia, Boff tece algumas considerações sobre a técnica só dentro da técnica, ou seja, conhecemos cada vez mais sobre cada vez menos. Como exemplo, menciona “o simples camponês tem que se apropriar de conhecimentos do solo, de sua eventual salinidade, do risco dos pesticidas e dos transgênicos, das várias e possíveis consorciações entre plantas... caso contrário prejudica ou diminui sua produção” (p.21). Tal cenário permite afirmar que o conhecimento se especializou de tal forma que colonizou todas as áreas do saber; esse em apenas um ano é maior que todo saber acumulado nos últimos 40 mil anos.

Essa concentração e, sobretudo, a colonização do saber impede de ver a totalidade. Dessa forma, o *marketing* configura parte da realidade e reduz alguns saberes que diretamente ou indiretamente reflete na sociedade de mercado, como um pecado original, em que alguns mandam e desmandam. Trata-se na acepção do autor do individualismo, enquanto “marca registrada da sociedade de mercado e do capitalismo como modo de produção e sua expressão política o (neo)liberalismo – revela toda sua força mediante as corporações nacionais e multinacionais” (p. 37). Nessas corporações,

**RESENHA:** BOFF, Leonardo. **A Grande Transformação:** na economia, na política e na ecologia. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira vigora a cruel competição dentro da lógica ganha-perde, que mesmo em crises como a de 2008, recria-se como uma sociedade de mercado mundializada, não revisando-a e propondo outro modelo, pelo contrário, a lógica que provocou a crise foi retomada com mais furor.

Tal cenário fica explícito com o seguinte argumento: “os super-ricos e superpoderosos que querem viver segundo o princípio do mais forte e que se danem os mais fracos. São eles que realmente comandam o curso político do mundo contra o sentimento ético da humanidade” (p. 38). Vivencia-se uma governança global construída pelos mercadores por meio dos seus impérios, ou seja, as grandes corporações que simplesmente imprimem um ritmo cada vez mais veloz que reflete em problemas globais como os da paz, da alimentação, da água, das mudanças climáticas, do aquecimento da Terra, das migrações dos povos e outras que por serem globais exigem soluções globais.

Todavia, o autor salienta que tal governança é sistematicamente coibida em função do egoísmo e pelo individualismo das grandes potências. Trata-se, portanto, de uma marca do capitalismo e de uma sociedade de mercado. Um exemplo que corrobora com essa marca do capitalismo e da sociedade de mercado está ancorada na economia verde, ou seja, o último assalto à natureza, uma vez que essa perspectiva está em consonância com um discurso hegemônico pela ONU, por governos, e, sobretudo, por empresas. Esse termo é oriundo de um relatório da ONU de 2006 sobre o impacto econômico das mudanças climáticas. Trata-se de uma ideia norteadora para a transição de uma economia marrom (energias fósseis) para uma economia verde (energias alternativas). Há também estratégias mercadológicas para acumulação e usurpação dos recursos. Por isso, muitas vezes depara-se com discursos direcionando para o capital natural que muitas vezes reflete-se em escassez em detrimento de um verídico desenvolvimento, que possa resultar na melhoria do bem-estar do ser humano, a equidade social, em consonância com a redução dos riscos ambientais e da frequente escassez ecológica.

A economia verde não equaciona duas grandes questões e nos coloca diante de um altíssimo risco. Ela não resolve a questão da *desigualdade*. A igualdade não é compatível com a manutenção do nível de consumo dos mais ricos. Um americano consome em média seis vezes mais que um indiano. A igualdade exige a imposição de limites, negados pelo atual sistema, que busca acumulação e consumo

**RESENHA:** BOFF, Leonardo. **A Grande Transformação:** na economia, na política e na ecologia. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira ilimitado. A pegada ecológica da Terra não agüenta mais. Se quiséssemos universalizar o nível de consumo dos países ricos, precisaríamos de três Terras iguais a esta. Encostamos já nos limites da Terra (p. 50-1).

Essa leitura remete ao abismo e às possibilidades para o enfretamento crítico e alternativo, uma vez que “*a vida é sagrada e intocável*”. Não se pode aceitar que as *commodities* para o mercado transformem tudo, inclusive os bens e serviços naturais e vitais; esse tipo de economia verde é inaceitável. Por isso, o autor analisa o caso brasileiro e indaga sobre a existência de uma empresa internacionalizada. Para isso, diz que: “a cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Assim, as várias interpretações do acontecimento-Brasil, tidas como clássicas, revelam o lugar social a partir de onde muitos intérpretes leem e releem o nossa realidade” (p.54).

Nesse contexto, Boff indica que o desafio consiste em passar o Brasil como Estado economicamente internacionalizado para o Brasil como sociedade biocentrada conforme indica Luiz Gonzaga de Souza Lima – mineiro e professor de Ciência Política. E, na conclusão dessa primeira parte Boff analisa a responsabilidade socioambiental das empresas e a ética, indo ao âmago dessa questão ao mostrar a voracidade das corporações que colocam em risco a sustentabilidade do Planeta Terra. Por isso, enfatiza que há apenas a lógica do lucro, da competição e da consolidação da economia de mercado que reflete na sociedade de mercado, esmorecendo a ideia de responsabilidade social das empresas.

Assim, o autor sinaliza que os povos originários podem nos ensinar o “bem viver”, o PIB pode ser substituído pelo *Índice de Felicidade Interna Bruta*, instituído pelo Butão, em que os dados quantitativos são substituídos pelos dados qualitativos. Trata-se de um exemplo apresentado pelo autor entre tantos outros existentes. O “bem viver” é um convite para reduzir o consumo mais do que os ecossistemas podem suportar. Por isso, os povos originários são mestres e doutores, e tecem na sua humildade lições que precisam ser escutadas, respeitadas e por vezes utilizadas para salvar a tragédia que se anuncia.

Na segunda parte, o autor trata da política articulando inúmeros saberes e argumentos sobre a condenação que está em curso em apenas um século. Dessa

**RESENHA:** BOFF, Leonardo. **A Grande Transformação:** na economia, na política e na ecologia. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira maneira, indica que toda mudança de paradigma civilizatório é precedida de uma revolução da cosmologia, enquanto visão de universo e da vida. Nesse sentido, crise, instabilidade, evolução e revolução estão interligadas e possibilitam um modo de vida ancorado numa situação global, em que grande é o risco, e grande é a chance de salvação.

Como exemplo fundante, apresenta o constitucionalismo ecológico a partir da América Latina, evidenciando a Pacha Mama - Terra Mãe dos povos originários; e, especialmente os casos de Equador ao enfatizar o artigo 71 da Constituição de Montecristi, a celebração da natureza ou Pachamama e da Bolívia ao reconhecer os direitos ao meio ambiente, enquanto nossa Casa Comum.

Com tais análises o autor chega à última parte, ressaltando a perspectiva ecológica. Nesse contexto, demarca a Terra como “o grande pobre que clama por libertação”, e, nesse devir registra o papel da Teologia da Libertação como opção pelos pobres contra a pobreza e por justiça, incluindo a própria Terra. Trata-se, portanto, do cuidado para evitar o fim do mundo, com uma possível extinção em massa, “que está ocorrendo há séculos por força da própria geofísica da Terra. Agora, pela sistemática guerra que os seres humanos travam contra Gaia [...]” (p. 153). Por isso, Boff indaga e conceitua a sustentabilidade através de uma visão integradora, ou seja,

[...] é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida e a vida humana, visando a sua continuidade e ainda atender às necessidades das gerações presentes e futuras, de tal forma que os bens e serviços naturais sejam mantidos e enriquecidos em sua capacidade de regeneração, reprodução, e coevolução (p. 165).

Essa definição integra grande parte das discussões do autor frente à Grande Transformação, acelerada pelo consumismo de uma humanidade que mergulhou numa globalização mercantil cínica, incapaz de chorar sobre a paixão dolorosa dos sofredores deste mundo. Dessa forma, o respeito como fundamento da ética, dos direitos humanos e da natureza deve ser repensado por todos. Deve-se, portanto, escutar a natureza, como fazem os povos originários, que além de escutar, obviamente praticam. O camponês do antiplano Boliviano diz: *“Eu escuto a natureza, eu sei o que a montanha me diz. Um*

**RESENHA:** BOFF, Leonardo. **A Grande Transformação:** na economia, na política e na ecologia. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira *xamã testemunha – Eu escuto a Pacha Mama e sei o que ela está me comunicando*". (p. 193).

Caso não escutemos essas vozes, contribuiremos ainda mais para uma nova era geológica, a do *Antropoceno*, em que o ser humano comparece como a grande ameaça destruidora da biosfera. Por isso, Boff ressalta a importância da espiritualidade e da religiosidade para a Grande Transformação, pois, sua lógica interna, está se tornando *biocida, ecocida e geocida* ao destruir sistematicamente as bases que sustentam a vida. A vida corre risco e a espécie humana poderá, seja pelas armas de destruição em massa existentes, seja pelo eminente caos ecológico, desaparecer da Terra, consolidando assim, a nossa irresponsabilidade e da total falta de cuidado por tudo o que existe e vive.

---

**Gustavo Henrique Cepolini Ferreira** - Mestre e Doutorando em Geografia Humana pela FFLCH-USP. Possui graduação em Geografia (bacharelado e licenciatura) pela PUC-Campinas (2007), especialização em Gestão e Manejo Ambiental em Sistemas Florestais pela UFLA e em Docência no Ensino Superior pelo Centro Universitário Claretiano. Tem experiência na área de Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Agrária, Regularização Fundiária, Unidades de Conservação, Ensino de Geografia, Educação do Campo e Conflitos Socioambientais.

---

Recebido para publicação em 15 de junho de 2016.

Aceito para publicação em 15 de agosto de 2016.